

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
24 e 28 de fevereiro de 2022

THE LIFE AND TIMES OF JUDGE ROY BEAN / 1972 (*O "Juiz" Roy Bean*)

Um filme de John Huston

Realização: John Huston / **Argumento:** John Milius / **Fotografia:** Richard Moore / **Direcção Artística:** Tambi Larsen / **Figurinos:** Edith Head / **Montagem:** Hugh S. Fowler / **Música:** Maurice Jarred / **Intérpretes:** Paul Newman (Roy Bean), Ava Gardner (Lilly Langtry), Victoria Principal (Maria Elena), Anthony Perkins (reverendo LaSalle), Tab Hunter (Sam Dodd), John Huston (Grizzly Adams), Stacy Keach (Bad Bob), Roddy McDowall (Frank Gass), Jacqueline Bisset (Rose Bean), Ned Beatty (Tector Crites), Jim Burk (Bart Jackson), , etc.

Produção: John Foreman / **Cópia:** digital, cor, com legendas eletrónicas em português, 123 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 18 de Dezembro de 1972 / **Estreia em Portugal:** Império, em 21 de Dezembro de 1972

"When legend becomes fact, print the legend"
(The Man Who Shot Liberty Valance)

Um breve texto sobre as duas personagens reais à volta das quais anda este filme de John Huston: Lilly (Lillie) Langtry e Roy Bean.

O famoso e lendário "Juiz" Roy Bean terá nascido em data incerta, mas que se presume andar à volta de 1825, tendo falecido em 1903 (curiosamente no mesmo ano em que morria a não menos notória "Calamity" Jane). Bean terá também participado, como irregular, ao lado do exército confederado (Sulistas) na guerra civil americana, após a qual se terá deslocado para o Texas onde abriu um bar em Vinegarroon, a "oeste do rio Pecos", território "sem lei" onde Bean, armado de "um código e uma corda" impôs o seu critério de lei, sendo mesmo reconhecido pelos Texas Rangers devido ao apoio que as suas sentenças expeditas deram para manter a região tranquila. A pequena comunidade em que se estabeleceu recebeu o nome de Langtry, em homenagem à lendária actriz por quem Bean tinha uma paixão assolapada e platónica. Acabou por morrer em 1903, sem nunca a ter visto. Dez meses depois da sua morte, Lillie, no decorrer de uma das suas digressões teatrais de Costa a Costa, parou o seu comboio particular para visitar o local. Lillie Langtry, nascida em 1853 na ilha de Jersey e falecida em 1929, foi uma das mais célebres mulheres de sociedade e actrizes do seu tempo, primeiro como "Professional beauty" (aquelas mulheres cuja beleza lhes fazia abrir todas as portas e receber todos os convites), que aos vinte anos se "apaixonou" por um iate, casando com o seu proprietário. Fora retratada por vários pintores, entre eles Millais, e era grande amiga de Oscar Wilde (que mais tarde escreveria para ela a sua famosa peça "O Leque de Lady Windermere"). No começo dos anos 80, com uma filha e separada do marido resolveu dedicar-se ao teatro (estudou drama em Paris), onde se tornou famosa, com um sucesso especial como Lady Macbeth, e muito popular nos Estados Unidos onde fez várias digressões pelo país inteiro. Teve ligações famosas, do Príncipe de Gales (futuro Eduard VII) ao milionário Frederick Gebhard. Chegou, inclusive, a fazer um filme, para Adolph Zukor em 1913 (quando o fundador da Paramount quis "enobrecer" o cinema com versões de peças famosas por grandes actores, após o sucesso da **Queen Elizabeth**, com Sarah Bernhardt): **His Neighbor's Wife**. Outro título de fama para Langtry: em Fevereiro de 1908, durante a sua estadia em Monte-Carlo, levou a banca à glória na roleta. A pergunta que me fica é: como é que

uma figura mais rica e colorida que muitas personagens de ficção, não foi objecto de maior atenção por parte do cinema, excepto por uma ou outra alusão? Outros que respondam que eu não sei. Curiosamente, também Roy Bean não tem uma filmografia muito abundante, mas conta com duas criações de peso: a de Walter Brennan em **The Westerner/A Última Fronteira**, de William Wyler (1940), que deu um Oscar ao actor, e a de Paul Newman no filme que vamos ver. Além destes cite-se, a título de curiosidade, as composições de Victor Jory no filme de Budd Boetticher, **A Time For Dying**. Harry Carey e John McIntire deram também vida a personagens inspiradas na figura de Bean, respectivamente em **The Law West of Pecos** (1938) e **The Far Country/Terra Distante**, de Anthony Mann (1954) (na televisão o destaque vai para o pitoresco Edgar Buchanan em **The Adventures of Judge Roy Bean**).

Que me desculpem o longo parágrafo anterior, mas os dados ali fornecidos poderão servir para se compreender como o argumento de John Milius segue mais a regra da frase em epígrafe, saída do filme de Ford, do que qualquer ideia biográfica que possa ter tido. Só em traços gerais o que o filme se poderá aproximar da "verdade". Mas isso que importa? Estamos no Far-West e nos tempos em que se formaram os mitos e as lendas. E são estes que o filme de Huston explora. E terão sido estes que mais interessaram ao realizador, que ali revivia, como declarou numa entrevista, tempos "que conhecia", das histórias que lhe contavam o avô e o pai. Aliás, não é isso mesmo que nos diz a frase que se encontra no começo do filme, a que o narrador não deixa de lembrar de vez em quando?: "If this story is not the way it was, then it's the way it should have been" ("se esta história não é como aconteceu, então deveria ter sido").

The Life and Times of Judge Roy Bean, que hoje nos aparece como um dos melhores filmes de John Huston é uma espécie de celebração do western 10 depois da sua "morte" (**The Man Who Shot Liberty Valance**, de John Ford). Uma celebração da sua inocência e das transformações que sofreu ao longo da sua existência. O filme está construído como uma série de breves sketches que, juntos, fazem passar cerca de 30 anos que vão dos fins dos anos 80 do século XIX, ao começo da década de 20 do século XX, da chegada de Bean a Vinegarroon à visita de Lilly a Langtry (que aqui surge inteiramente deslocada no tempo, para poder incluir a "ressurreição" de Bean). O filme encena, deste modo, o tempo da "reconstrução" dos Estados Unidos, dos anos de pioneiros e aventureiros à instalação da "lei e ordem" e da "civilização", representadas pelo malévolo e chicaneiro advogado Gass (Roddy McDowall), e da descoberta do petróleo que vem transformar radicalmente a situação económica e, logo, o "status" social, dos primeiros, de que Bean é o modelo. Aliás, o momento decisivo do filme, é o seu regresso de San António e a frustrada tentativa de ver Lilly, quando encontra Maria Elena moribunda e um Gass que tomara o "poder". Estamos em 1903, data da morte real de Bean que no filme se transforma na morte de uma ideia, de um mito, de uma forma de vida condenada à desapareição (tema de quase todos os westerns "post mortem", depois de **Liberty Valance**, em particular nos filmes de Sam Peckinpah, especialmente **The Ballad of Cable Hogue**, com que o filme de Huston tem muitos pontos de contacto). A sua "ressurreição", quase vinte anos depois, corresponde à permanência dos mitos, que vêm enfrentar o Mal, encarnado no capitalismo selvagem que destruíra a inocência primitiva, para um "duelo final", combate que, na obra de Huston, se assemelha ao que vai opor pela última vez o capitão Ahab e Moby Dick, e onde Bean vai ter uma morte à altura da mitologia, de cavalo empinado na varanda do bar em chamas. Toda a primeira parte do filme, é uma sucessão de figuras mitológicas do Oeste, vistas das variadas maneiras como foram representadas, da construção do western clássico no primeiro confronto de Bean com os pistoleiros, à sua extrema paródia, com as marcas da banda desenhada, no fabuloso segmento com Bad Bob (Stacy Keach), o pistoleiro albino, que termina com um buraco no peito, saído de uma prancha de Lucky Luke, o herói de Morris que, por sua vez, já encontrou também, no papel, esse pitoresca e truculenta personagem que dá pelo nome de Roy Bean.

Manuel Cintra Ferreira

